

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**EXPECTATIVAS DE PARTICIPANTES, PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E
ASSISTENTES SOCIAIS DE UM PROJETO SOCIAL ESPORTIVO
DE PÓLO AQUÁTICO**

Angélica Regina Pereira

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lílian Aparecida Ferreira

**BAURU
2015**

ANGÉLICA REGINA PEREIRA

**EXEPECTATIVAS DE PARTICIPANTES, PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA
E ASSISTENTES SOCIAIS DE UM PROJETO SOCIAL ESPORTIVO
DE PÓLO AQUÁTICO**

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Prof. Dr^a: Lílian Aparecida Ferreira

Bauru/2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente á Deus, á toda a minha família, em especial meus pais Daniele e Arlete e minha irmã Cristina, que sempre me apoiaram em todos os meus passos e sempre me incentivaram a ir em busca dos meus sonhos e nunca desistir.

A todos os professores que me acompanharam durante a graduação, em especial a minha orientadora Lílian Aparecida Ferreira, pela paciência, dedicação, carinho, incentivo, por acreditar no meu potencial e por ter me proporcionado uma das coisas mais significativas de minha vida nestes anos de graduação, o primeiro contato com a Licenciatura, não mais no papel de aluna da graduação, mas como professora do Projeto de Extensão Ensinando e Aprendendo Handebol, experiências ricas que levarei comigo por todo o percurso de minha atuação profissional.

Aos meus amigos que sempre estiveram presentes nos bons e maus momentos Lays (Lah), Vinicius, Thiara (Carioca), Karen, Mariana (Má), que sempre me ajudaram na realização dos estágios, Maiara (Monstrenga), Thaís (Keruba), Bianca (Biazita) e em especial Talena, que nesta reta final, sempre me motivava e dava puxões de orelha para a construção e finalização da monografia.

Ao projeto que abriu seu espaço para o andamento da pesquisa, a todos que participaram do estudo, assistentes sociais, alunos e professores de Educação Física, em especial uma delas que me ajudou em muito, no andamento da pesquisa

E por fim a instituição a qual passei 4 anos, a UNESP de Bauru-SP, que contribui em muito para a minha formação profissional, da qual terei muito orgulho de carregar o título de licenciada em Educação Física.

... A todos, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Atualmente são inúmeros os projetos sociais espalhados por todo o território nacional, dentre eles os esportivos, em sua grande maioria, voltados para crianças e adolescentes consideradas em vulnerabilidade social. Tais projetos acabam tendo como principal eixo norteador os esportes, estes por sua vez assumem diversas finalidades, dentre elas, o esporte lazer/socialização e o esporte de profissionalização, que muitas vezes acabam sendo trabalhados de forma desassociada um do outro, se esquecendo que, no mesmo local, estas diferentes finalidades podem conviver, pois, são os sujeitos que dão sentido a sua prática. Neste sentido, esta pesquisa, buscou compreender as significações que os participantes de um projeto social esportivo de pólo aquático atribuem a tal prática. O referido projeto acontece numa cidade do interior do estado de São Paulo, atendendo cerca de 2.300 crianças e adolescentes e tem como principais objetivos a inclusão social e a formação de atleta de alto rendimento. A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi caracterizada por um estudo exploratório e utilizou a entrevista como técnica de coleta. Participaram do estudo 40 crianças e adolescentes que freqüentavam o projeto, como também duas assistentes sociais e dois professores de Educação Física que trabalham no projeto. Os resultados apontaram que há uma convergência entre participantes, professores e assistentes sociais, no que concerne às suas expectativas com relação ao projeto, mas identificamos outro viés que vai de encontro com a prática pelo lazer, nos mostrando assim que em um mesmo local se pode encontrar às duas finalidades do esporte, mesmo esse não sendo o objetivo do projeto.

Palavras chaves: pólo aquático, projetos esportivos, iniciação esportiva, expectativas sociais.

ABSTRACT

Currently there are numerous social projects scattered throughout the country, including the sport, for the most part, aimed at children and teens considered at social vulnerability. These projects end up having as main guiding sports, these in turn take several purposes, among them, the sport recreation / socialization and professionalization of sport, which often end up being worked disassociated from one of another, forgetting that, in the same place, these different purposes can live therefore are the subjects that give meaning to their practice. In this sense, this research sought to understand the meanings that the participants in a social sports project water polo attribute to the practice. This project happens in a provincial city of São Paulo, serving about 2,300 children and teens and has as main objectives the social inclusion and training of high-performance athlete. The research, qualitative approach was characterized by an exploratory study and used the interview as collection technique. The study included 40 children and adolescents attending the project, as well as two social workers and two physical education teachers that working on the project. The results showed that there is a convergence between participants, teachers and social workers regarding their expectations regarding the project, but we identified another bias that goes against the practice of leisure, in showing that in the same place if can find to the two purposes of the sport, even this is not the objective of the project.

Keywords: aquatic polo, sports projects, sports initiation, social expectations

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	07
1.	CAPITULO 1: PROJETOS SOCIAIS ESPORTIVOS	10
1.1	História dos Projetos Sociais	10
1.2	Contextualização dos Projetos sociais Contemporâneos	14
2.	CAPITULO 2: INICIAÇÃO ESPORTIVA EM ESPORTES COLETIVOS: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O PÓLO AQUÁTICO	18
2.1	Questões gerais	18
2.2	Conhecendo a modalidade Esportiva Pólo Aquático	20
2.3	Iniciação Esportiva no pólo aquático	20
3.	CAPÍTULO 3: METODOLOGIA	22
3.1	Elementos Gerais	22
3.2	Caracterização do Projeto	23
4.	CAPITULO 4: APRESENTAÇÃO E ANALISE DOS DADOS	24
4.1	Expectativas dos participantes do projeto social	24
4.2	A Iniciação Esportiva no contexto do projeto	29
4.3	A avaliação do Projeto: Conquistas e Desafios	35
5.	Considerações Finais	44
6.	REFERÊNCIAS	46
	ANEXOS	48
	A PÊNDICE	52

INTRODUÇÃO

Desde a década de 1990, observa-se um aumento significativo da proliferação de projetos sociais esportivos por todo o território nacional, em virtude da proliferação de ONGs (Organizações não Governamentais) que contam com inúmeras parcerias, dentre elas privadas e estatais, atletas e ex- atletas, artistas e prefeituras, dando ao esporte diferentes finalidades.

Para entendermos as trajetórias dos projetos sociais esportivos tão presentes em nossa sociedade, utilizamos o trabalho pioneiro da antropóloga Alba Zaluar (1994), em seu livro “Cidadãos não vão ao Paraíso”, em que a autora faz uma análise das políticas públicas do país, na década de 1970 e 1980. Trabalho esse que nos permitiu entender as razões pelas quais os projetos sociais surgiram.

Segundo Zaluar (1994), os projetos sociais da década de 1970 e 1980, surgiram de uma alternativa emergencial, para amenizar os problemas sociais encontrados em nossa sociedade e que atingiam principalmente crianças e adolescentes.

Ao utilizar o esporte como eixo norteador, os programas alternativos atribuíram ao esporte algumas finalidades e dentre várias delas a que assumiu maior destaque podemos apontar a defesa do seu caráter socializador, ou seja, o esporte foi utilizado como um meio para educar, envolvendo a profissionalização e conseqüentemente a ascensão profissional, por meio dele.

Contudo, os projetos sociais esportivos, ao estabelecerem seus objetivos esbarraram nas expectativas de seu público alvo, podendo evidenciar incompatibilidades de interesse e ainda resultar em evasão e frustrações dos/aos participantes.

Passadas algumas décadas, o que antes era considerado uma medida emergencial, em virtude do contexto sócio político das décadas de 1970 e 1980, acabou por se proliferar. Isso implicou na manutenção de um cenário que pouco se modificou, ou seja, os discursos de muitos projetos sociais que fazem uso do esporte têm divulgado a preocupação em preencher o tempo livre de crianças e adolescentes, principalmente no contra turno da escola, assumindo como meta: “ocupar o tempo ocioso de crianças e adolescentes” (BRETAS, et.al citados por

SOUZA et.al 2010,p.689), para que estas não sejam cooptadas por atividades consideradas ilícitas.

Em sua grande maioria, os projetos sociais esportivos partem de um discurso, de que o esporte é o “salvador da humanidade” e que por meio dele é possível a formação física e moral de crianças e adolescentes que vivem em comunidades de risco. Segundo Thomassim e Stigger (2009), acredita-se que o esporte pode contribuir para a formação de valores ditos como positivos sem levar em consideração outros aspectos que também podem advir de sua prática, considerados negativos, como burlar as regras, a vitória a qualquer custo, injustiças e preconceitos, dentre outros aspectos. Ainda para os mesmos autores, a prática esportiva é uma prática heterogênea que possui múltiplos valores e sentidos e esta está atrelada diretamente ao sentido que o sujeito dá a sua prática.

Esta política ganhou ainda mais relevo com as mídias, constituindo um apelo crescente para que crianças e adolescentes busquem uma prática esportiva, construindo um percurso que vai desde às escolinhas de iniciação esportiva, até à profissionalização esportiva. Este viés inclusive é preconizado pelo projeto de pólo aquático que será por nós analisado nesta pesquisa.

Tal projeto é voltado para crianças e adolescentes na faixa etária dos 7 aos 14 anos, e até o final da coleta realizada para esta pesquisa atendia cerca de 2.300 crianças e adolescentes e tinha por objetivo a inclusão social e a formação de atletas de alto rendimento.

O pólo aquático é uma modalidade esportiva que necessita de um espaço específico para a sua prática, pois ocorre no meio líquido, dentro de uma piscina, espaço físico pouco acessível para grande parte da população em geral, o que pode contribuir para tornar tal prática elitizada.

Apesar de na Constituição Brasileira estar escrito que o acesso ao esporte e ao lazer é um direito de todos e todas, na prática o mesmo não acontece. Isso nos leva a refletir sobre a seguinte indagação: De qual esporte a constituição estaria tratando? Há mesmo esportes para todos e todas? Ou há uma divisão entre esportes populares e esportes burgueses?

Não entraremos no cerne destas interrogações, mas elas certamente nos colocam no campo da necessidade de se repensar políticas públicas esportivas assentadas no embate entre inclusão e exclusão social.

Muitas vezes, ao fazer uso das modalidades esportivas, os projetos sociais se esquecem do seu público alvo se perguntando: Quais suas necessidades? O que esperam dos projetos? Será que dos elaboradores e executores dos projetos esportivos convergem ou divergem das expectativas dos participantes?

Podemos dizer que ainda são poucos os estudos sobre essa temática que adentram ao campo e buscam ouvir os protagonistas dos projetos sociais: seus participantes (em sua grande maioria são crianças e adolescentes, de uma determinada faixa etária e considerados em vulnerabilidade social).

Visando contribuir com esta temática, esta pesquisa teve como objetivo analisar um projeto social de pólo aquático, dando visibilidade às perspectivas dos seus participantes (crianças e adolescentes), bem como, das assistentes sociais e dos professores de Educação Física atuantes no mesmo.

De posse destes resultados, esperamos construir um panorama das convergências e divergências destas perspectivas para compreendermos de um modo mais ampliado o referido projeto social esportivo e também contribuir com as reflexões acadêmicas junto a este campo de investigação.

CAPÍTULO 1

PROJETOS SOCIAIS ESPORTIVOS

1.1 HISTÓRIA DOS PROJETOS SOCIAIS

Para entendermos o surgimento dos projetos sociais utilizamos os estudos da antropóloga Alba Zaluar (1994), em seu livro “Cidadãos não vão ao paraíso” em que a autora faz uma análise das políticas públicas do país, analisando projetos sociais esportivos e programas alternativos nas décadas de 1970 e 1980.

Segundo Zaluar os projetos sociais esportivos surgem no final da década de 1970 e prosseguem pela década de 1980, como uma medida emergencial para os problemas sociais encontrados, em especial por conta do rápido crescimento econômico do país: desigualdades, pobreza, desequilíbrio social (JAGUARIBE e ABRANCHES citados por ZALUAR, 1994).

O rápido crescimento econômico que o país atravessava causou o êxodo da população rural para os grandes centros urbanos na procura de melhores salários e qualidade de vida, mas o Estado não estava preparado para tal e um mau planejamento deste crescimento agravou ainda mais os problemas de exclusão social, contribuindo para o surgimento de periferias, conhecidas popularmente como favelas, e com o agravamento de desafios sociais como: o tráfico de drogas, a criminalidade e a violência.

Problemas estes que, segundo Zaluar (1994) intensificam-se ainda mais em virtude do fracasso escolar. A escola, neste sentido, não atendia a população de forma igualitária, principalmente as faixas etárias acima dos 14 anos:

(...) Se, para as crianças e pré-adolescentes entre 7 e 14 anos, a cobertura escolar tendeu a melhorar a partir da década de 70 e, em 1985, já cobria 90% desta população, para os jovens dos 15 aos 18 anos, a situação não é a mesma, pois, apenas um terço está na escola e outro terço não trabalha nem estuda(...) (PAIVA citado por ZALUAR, 1994, p.33).

De acordo com Zaluar (1994), este cenário inspirava muitos cuidados, uma vez que estes jovens excluídos da escola se tornavam presas fáceis do mundo do crime.

O fracasso da política do bem estar social, a redemocratização, juntamente com o fracasso escolar, alimentou ainda mais as desigualdades sociais, atingindo principalmente crianças e adolescentes, favorecendo sua participação na criminalidade, especialmente dos jovens das camadas mais pobres da população.

Em tal contexto sociopolítico e econômico os projetos sociais e programas alternativos partiram de uma medida emergencial, buscando a complementação ou substituição dos processos educativos formais, destacadamente para as classes de menor poder aquisitivo, fundamentados na educação pelo trabalho (ZALUAR, 1994).

Dentre estes programas alternativos surgem, apresentados por Zaluar (1994), os projetos sociais esportivos que utilizam o esporte como ferramenta educativa, trabalhando-o de diferentes formas, o que incluía a profissionalização.

Um dos exemplos destes projetos foi o PRIESP (Programa Privado de Iniciação Esportiva) que oferecia aos jovens pobres a oportunidade de ascensão profissional pelo esporte, além de promoção e disseminação deste. Era uma Instituição privada pertencente à Fundação Roberto Marinho, que começou a funcionar no final de 1970 em algumas cidades brasileiras, inclusive na cidade do Rio de Janeiro. Atendia crianças carentes, e possuía uma faixa etária limite de 16 anos, utilizava o esporte com um intuito de profissionalização, com o objetivo de preparar futuros atletas e desenvolver o gosto pelo esporte nas camadas mais pobres da população (ZALUAR; 1994).

Os esportes trabalhados pelo PRIESP priorizavam mais a técnica, focado integralmente nos fundamentos de cada esporte, e no final do ano realizava competições com seus integrantes. Com relação aos seus objetivos de formar futuros atletas este esbarrava na falta de recursos financeiros de seu público alvo, o aluno acabava desistindo de se tornar profissional no esporte por não conseguir ter acesso aos grandes clubes para dar sequência aos seus treinamentos.

Diferentemente do PRIESP, havia o Recriação e seu subprograma PIM (Programa Irmão Menor), realizado em Curitiba. Em tal projeto o esporte assumia um caráter mais de meio que fim, ou seja, o desenvolvimento de valores era mais prestigiado que o domínio das especificidades esportivas, enfim:

O programa Recriação foi resultado de uma política pública desenvolvida pela Secretaria de Assistência Social do Ministério da Previdência em 1987, na gestão de Raphael Almeida Magalhães. Era um projeto ambicioso que não se restringia à educação esportiva,

mas que a utilizava como meio de educar as crianças e jovens, junto com a orientação para o trabalho e a alimentação. (ZALUAR, 1994, p.35)

Envolvia até a faixa etária dos 18 anos e utilizava o esporte de forma recreativa com o objetivo de educar. Ao optar por utilizar o esporte como recreação, o RECRIANÇA veio a substituir o PRIESP posteriormente na década de 1980. Nesta época, ele tinha por objetivo ocupar o tempo ocioso destas crianças e jovens, com a intenção de afastá-las das ruas, local este que poderia cooptá-las para atividades ilícitas. Tentava, através do esporte em grupo, ensinar valores de socialização que necessitava do trabalho coletivo e da solidariedade.

Estes dois projetos tiveram problemas com relação à forma com a qual tratavam o esporte, dentre estes problemas destacaram-se a evasão e a desistência do esporte em virtude das expectativas não alcançadas por estas crianças e jovens. Trataremos a seguir destes problemas.

A evasão no PRIESP se deu por dois motivos, segundo os alunos entrevistados por Zaluar (1994). O primeiro estava relacionado com o ensinamento técnico do esporte que exigia disciplina, repetições, esforço e dedicação nas atividades, prática esta que não causava interesse em alguns alunos, que viam o esporte como uma forma de passar o tempo, ou seja, uma prática mais voltada para o lazer. O segundo estava ligado à desmotivação dos alunos que queriam se dedicar com mais afinco à prática dos fundamentos do esporte de auto rendimento, estes desistiam em razão da entrada de novos alunos no meio do ano no programa, levando os professores a retomar os ensinamentos iniciais da prática das modalidades, tornado-as repetitivas e cansativas, causando assim a evasão e desistência destes alunos.

Já a evasão no PIM, ocorreu com relação ao público mais velho da faixa etária dos 13 aos 18 anos, que não queria apenas o esporte como recreação, mas sim (...) “dedicar-se com mais afinco ao esporte e participar de jogos e competições (...)” (p.130). Expectativas estas frustradas pelo programa, que ao optar pelo esporte como recreação, com intuito de educar por meio deste, não permitia a competição, uma das características marcantes dos esportes. Havia assim um conflito com tal público, resultando, muitas vezes, em expulsão de vários alunos do programa, em virtude de “sua indisciplina, agressividade, evasão e marginalidade nas atividades” (ZALUAR, 1994. p.130).

Em ambos os projetos, ocorreram evasões e desistências causadas pelo não atendimento das expectativas do seu público alvo. Entretanto, o que mais nos chamou a atenção nos achados de Zaluar (1994) foi o caráter socializador dado ao esporte na perspectiva de pais e alunos, conferindo significado tanto ao programa quanto ao esporte.

Para os pais dos alunos do PRIESP, o programa, por meio do esporte, contribuiu para que seus filhos se tornassem (...) “responsáveis passando a enxergar o outro a ser “tratado”, tornando-os mais sociáveis, além de ter contribuído para uma melhora na convivência de um ambiente mais coletivo (...)” (ZALUAR, 1994, p.63-64, destaque da autora), e ter proporcionado a seus filhos experiências de socialização, conhecendo novas pessoas que não as do meio marginal e o mundo fora de casa. Além da melhora do comportamento, saúde e auto-estima, nas falas dos pais é possível notar que o programa os trazia segurança, pois, seus filhos estariam em um ambiente capaz de ensinar-lhes alguma coisa útil no tempo livre deixado pela escola, evitando assim correrem o risco de serem cooptados por atividades ilícitas, tão presentes no seu contexto social (ZALUAR, 1994).

Já as expectativas das crianças e jovens com relação ao esporte estavam assentadas em dois pontos: no esporte como lazer, com um caráter socializador, e no esporte profissionalismo. Enquanto lazer as crianças e jovens destacavam que aprendiam “a ser educado, a respeitar os mais velhos, não dizer palavrão” (p.76), “(...) e que se divertiam (...)” (p.81), que era possível fazer amizades, permitia aprender com os erros dos amigos e ajudá-los, além do respeito ao professor e o significado do esporte para suas vidas (ZALUAR, 1994). Na profissionalização do esporte, os jovens tinham esperanças de mudar seu destino através da ascensão profissional e, conseqüentemente, uma mudança de classe social. Viam no esporte uma saída e criavam expectativas relacionadas a ele, por isso aceitavam se submeter ao seu caráter extenuante e a realizar práticas repetitivas com excessiva disciplina. Este sonho esbarrava na questão financeira dos próprios alunos e na dificuldade de encontrarem um grande clube para dar sequência aos treinamentos iniciados no Programa, já que a idade limite estipulada pelo programa era até os 16 anos. Faixa etária em que muitos, ao se deparar com esta questão, se viam obrigados a largar o sonho da profissionalização esportiva para ajudar na renda familiar.

No programa do PIM as expectativas socializadoras do esporte eram evidenciadas tanto pelos pais, quanto pelos alunos. Contudo, a forma que o esporte era utilizado, como recreação, frustrava os alunos da faixa etária maior. Tal aspecto tinha por consequência a evasão do público mais velho, principalmente os que queriam se “dedicar ao esporte com mais afinco, participando de jogos e competições” (ZALUAR, 1994, p.130).

Nestes projetos sociais esportivos, estudados por Zaluar (1994), a proposição pedagógica atribuída ao esporte baseava-se na:

(...) ideia (sic) de que o esporte é parte importante de um projeto educacional mais amplo, ou seja, de que ele é instrumento pedagógico importante, está presente desde o início nos dois programas. Mas a associação entre esporte e pedagogia não se dá no mesmo nível nem da mesma maneira, nem na formulação do projeto nem na prática (...) (p.37).

Ou seja, apesar das intenções de tais projetos esportivos, houve divergências em relação aos objetivos e as práticas pedagógicas que não atendiam as expectativas de seu público alvo, ficando alheios a fatores importantes. Isso nos chama a atenção para as divergências e convergências na qual se assentavam tais projetos. Levando-nos assim ao próximo item, os projetos sociais esportivos da nossa contemporaneidade.

1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DOS PROJETOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS

Após uma breve contextualização histórica sobre o surgimento e dinâmicas dos projetos sociais do passado, apontados pelo estudo pioneiro da antropóloga Alba Zaluar de grande relevância para próximos estudos na área, partimos da seguinte premissa:

Hoje, algumas décadas depois, o que dizem as pesquisas que analisam os projetos sociais esportivos?

Há concordâncias de que são inúmeros os projetos sociais esportivos espalhados por todo o território nacional e que este crescimento se deu a partir da década de 1990, especialmente, em virtude da proliferação das ONGs (Organizações não Governamentais) que contam com inúmeras parcerias (LADIM citado por GUEDES; NOVAES; DAVIES, 2006).

Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2002, apontados por Montagener e Hirama (2010), as ONGS totalizam cerca de 275.895 instituições no país, destes números 26.894 dessas ONGs desenvolvem projetos sociais esportivos em que o esporte assume um caráter educacional.

Por trás destas parcerias temos empresas privadas e estatais, artistas, atletas, ex-atleta, prefeituras, Estado e principalmente a sociedade civil que, segundo Thomassim e Stigger (2009), acabou tomando para si esta responsabilidade social de cuidar dos seus por meio das parcerias e ações promovidas pelas ONGs. Partem assim das expressões que se tornaram o pilar para a proliferação dos projetos: terceiro setor, parcerias e voluntariado, caracterizando um pensamento hegemônico ideológico neoliberal. Em outras palavras, o Estado passou a dividir os problemas sociais com a sociedade civil, atingindo mais especificamente crianças e adolescentes, consideradas as maiores vítimas das mazelas sociais.

Tal contexto social parece revelar a preocupação da sociedade civil em buscar soluções político sociais para problemas que são agravantes e crescentes em nosso país. Os projetos sociais assumem parte desta responsabilidade se instalando em locais nos quais se aproximam da população excluída socialmente.

Diferentemente dos projetos sociais esportivos da década de 1970 e 1980, os projetos mais recentes tem por objetivo preencher o tempo de crianças e adolescentes, principalmente no contra turno escolar, assumindo como meta: “ocupar o tempo ocioso de crianças e adolescentes” (BRETÂS, et. al. citados por SOUZA *et. al.*, 2010, p.689) e tirá-las da rua, local este que durante seu tempo livre, poderia ser um convite para que as mesmas fossem cooptadas por atividades ilegais.

Afastar os meninos do mundo do crime, tirá-los da rua, livrá-los da violência – estas têm sido as justificativas usadas pelos projetos sociais voltados para os jovens das comunidades pobres. Todos pretendem ocupá-los com atividades educativas, esportivas, culturais e de formação para o trabalho. Acreditam que o espaço deixado pela carência de atividades possa ser ocupado pelo crime ou pelo ócio. São várias as entidades espalhadas pelo país cuja intenção é tirar moças e rapazes de situação de risco. (GONÇALVES citada por GUEDES, *et al*, 2006, p. 3)

Para Guedes *et. al.* (2006), nestes discursos há a visibilidade de uma “(...) plataforma comum, que opera através de algumas premissas que, na sua aparente simplicidade e não discutibilidade veiculam uma determinada visão de sociedade, da relação de classes sociais e entre gerações (...)” (p.4). O que os autores querem dizer é que os projetos sociais esportivos partem de uma padronização, indo contra as inúmeras possibilidades de significação advindas do esporte.

Thomassim e Stigger (2009) compartilham esta mesma perspectiva, sinalizando que existe a crença que esses projetos, em especial os esportivos, são capazes de ocupar este tempo não apenas como um passa tempo, mas sim contribuindo para a formação físico-moral destes indivíduos. Sua meta é contribuir com a formação de cidadãos, atribuindo ao esporte uma responsabilidade social por acreditar que através da “(...) sua vivência as crianças e adolescentes possam adquirir conteúdos simbólicos e comportamentos “úteis” para suas vidas, bem como vislumbrar novas perspectivas de futuro (...)” (THOMASSIM; STIGGER, 2009, destaque dos autores, p.7). Dentre esta responsabilidade social acredita-se ainda que o esporte possa contribuir para a aprendizagem de valores, especialmente entre crianças e jovens, “fortalecendo-os como indivíduos para enfrentar suas condições de vida.” (THOMASSIM; STIGGER, p.6, 2009).

Neste sentido, Thomassim e Stigger (2009) nos chamam a atenção para a outra face dos valores que o esporte pode ensinar: seus aspectos negativos, dentre eles, o desrespeito e o burlar das regras, para obter a vitória a qualquer custo. Alertam os autores para o fato de que não podemos atribuir ao esporte apenas valores positivos ou valores negativos, uma vez que se trata de uma prática heterogênea, que possui múltiplos valores e sentidos.

Estes pressupostos têm orientado a finalidade dos projetos sociais esportivos ao fazerem uso do esporte, como estratégia de formação do indivíduo, educando e ensinando valores ditos como positivos, tornando-se uma crença instalada socialmente, ignorando um dos lados que também pode ser assimilado, além dos positivos, e se esquecendo de que cada criança ou adolescente dá um sentido próprio a sua prática.

CAPÍTULO 2

INICIAÇÃO ESPORTIVA EM ESPORTES COLETIVOS: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O PÓLO AQUÁTICO

2.1. Questões gerais

O esporte é um fenômeno mundial praticado por diferentes culturas e povos que se popularizou ainda mais em virtude do crescimento das mídias, despertando o interesse em especial de crianças e adolescentes para a sua prática, levando-as cada vez mais cedo a buscarem escolinhas de iniciação esportiva. Em vista desta busca, existem alguns projetos sociais esportivos que oferecem, dentre as finalidades do esporte, a profissionalização de uma determinada modalidade esportiva voltada para este público em geral, como é o caso de nosso objeto de estudo, que tem como objetivos, inclusão social de crianças consideradas de baixa renda na faixa etária dos 7 aos 14 anos, e a formação de atletas de alto rendimento na modalidade coletiva pólo aquático.

Segundo Oliveira; Gaion; Nascimento (2010), as modalidades coletivas são as que possuem maior procura por parte dos iniciantes, ascendendo assim discussões sobre as metodologias empregadas para trabalhar com tal público, em especial as voltadas para a iniciação esportiva, levantando preocupações sobre as práticas pedagógicas e os conteúdos empregados. Metodologias estas que carecem de maiores estudos, pois, cada vez mais cedo, crianças de faixas etárias inferiores à idade púbere ingressam na iniciação esportiva que, longe de promover o contato lúdico e diverso para o iniciante com a prática esportiva, assume um caráter de especialização e aperfeiçoamento. Sobre a iniciação esportiva, Neves e Ramos (2008) destacam que:

(...) pode-se entender que a iniciação esportiva é o período em que a criança começa a aprender, de forma específica e planejada, a prática esportiva. Contudo, é necessário que se conheçam e respeitem suas características para que ela não seja transformada em um mini-adulto. (p.2)

O que os autores querem dizer é que na iniciação esportiva, apesar de ser entendida como uma fase em que as crianças começam a aprender uma modalidade específica de forma sistemática e planejada, é necessário respeitar as características desta faixa etária, respeitando os seus processos de desenvolvimento. Muitos treinadores acabam acelerando o processo para a formação esportiva, em virtude da busca por resultados, fragmentando assim todo um processo de ensino dos conteúdos, relegando, por meio da especialização precoce, outros pontos relevantes e de extrema importância que são proporcionados pelos esportes coletivos e defendidos pela pedagogia do esporte.

Para Silva (2007), os discursos da grande maioria dos projetos sociais esportivos de inclusão social, ao fazerem uso do esporte para atender seus objetivos, focam na busca por resultados sem se preocupar com os aspectos afetivos, cognitivos e motores de tal público.

De acordo com Neves e Ramos (2008) "(...) o esporte pode ser um meio para a educação para a vida contribuindo para o desenvolvimento integral e crítico da criança, porém deve ir além da formação atlético- técnico- tática" (p.4). Em outras palavras, o processo ensino aprendizagem ao fazer uso do esporte com a finalidade de formação, está diretamente atrelado às metodologias e pedagogias empregadas pelo professor/treinador e estas por sua vez devem ultrapassar os campos dos fundamentos técnicos e táticos. Destaca-se assim a necessidade de articular as pedagogias e metodologias a valores positivos provindos do esporte (a saber: cooperação, participação, solidariedade e criatividade), de modo que estas crianças e jovens transfiram este aprendizado para suas vidas, fazendo efetivamente jus aos discursos proferidos pela maioria dos projetos sociais esportivos.

Tais faixas etárias requerem muita atenção e cuidados, de modo que o professor assume significativa responsabilidade em adequar e planejar suas aulas, sempre respeitando as características de cada fase de desenvolvimento.

Estudo de Paes e Oliveira (2004) aponta que a iniciação esportiva inicia-se na faixa etária dos sete anos de idade com uma sistematização de ensino mais ampliada, ou seja, os conteúdos são trabalhados de forma global sem especializar os movimentos, sendo concluída na faixa etária dos quatorze anos. Nesta fase inicial do processo de aprendizagem, as metodologias empregadas pelo professor devem assumir um caráter lúdico, tornando tal prática prazerosa para as crianças e

adolescentes e aos poucos ir desenvolvendo os aspectos técnicos e táticos do esporte, de forma a respeitar sempre este processo de desenvolvimento.

Após este breve levantamento sobre a iniciação esportiva nos esportes coletivos de forma geral, adentraremos ao nosso objeto de pesquisa, a modalidade esportiva pólo aquático.

2.2. Conhecendo a modalidade esportiva pólo aquático

A modalidade esportiva pólo aquático foi criada no século XIX, em meados de 1970, mas há indícios de que este esporte era praticado desde o século XVIII, principalmente na Inglaterra e na Escócia.

Segundo Ferreira (2013), o pólo aquático no Brasil é uma prática de caráter pouco conhecida em nossa sociedade em geral, mas, por outro lado o pólo aquático é “bem conhecido e desenvolvido no Rio de Janeiro e São Paulo” (p.9). Tal, apontamento, nos leva a refletir sobre o contexto cultural dos esportes, em nosso país, ou, melhor “no país do futebol”, que relega a existência de outras modalidades esportivas, deixando-as em último plano. Isso revela especialmente quando se trata de modalidades esportivas que necessitam de determinados fatores para que sua prática ocorra, como é o caso do pólo aquático, dependente de uma piscina para acontecer.

O pólo aquático é uma modalidade esportiva coletiva de invasão, que necessita de uma piscina com um pouco mais de 2 metros de profundidade, por 20 metros a 30 metros de comprimento, por 10 metros a 20 metros de largura.

As equipes titulares são compostas por 7 jogadores, contando com mais 6 reservas, ou, suplentes. Ocorre em quatro tempos de 7 minutos. A única forma de condução de bola permitida aos jogadores é com uma das mãos, ou, com os braços, exceto o goleiro que pode segurar a bola com as duas mãos. O objetivo do jogo é marcar o maior número de gols.

2.3. A iniciação esportiva no pólo aquático

Ainda na literatura são escassos os estudos que abordam a temática iniciação esportiva no pólo aquático. Dentre estes achados encontramos os estudos de Ferreira (2013), realizados em um projeto de extensão voltado para a Iniciação do

pólo aquático e a natação, na qual eram atendidas crianças e adolescente na faixa etária dos 8 aos 13 anos.

Ferreira (2013) aponta que o pólo aquático é uma prática esportiva coletiva “(...) pouco conhecida pela sociedade brasileira em geral” (p.11), mas, que por outro lado é uma modalidade bastante conhecida e desenvolvida no Rio de Janeiro e em São Paulo.

O pólo aquático é uma prática esportiva motora aquática que exige de seus participantes a aprendizagem da natação. Para Ferreira (2013) “as habilidades do pólo aquático são voltadas para indivíduos que já possuem supremacia no meio liquido” (p.31). Deste modo, podemos afirmar que a aprendizagem do pólo aquático está diretamente ligada à aprendizagem da natação.

Por se tratar de uma modalidade esportiva coletiva, o pólo aquático, assim como o basquete, futebol, handebol, huggy por exemplo, pode ser tratado como um esporte de invasão (por se caracterizar pela busca do campo adversário em prol da aproximação ao alvo), além de possuir outras semelhanças como: alta demanda pela tomada de decisão, antecipação, cooperação, dentre outros aspectos.

CAPITULO 3

METODOLOGIA

3.1. Elementos gerais

Esta pesquisa caracteriza-se como sendo de cunho qualitativo. Nesta metodologia “os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 16). Tal, pesquisa, busca compreender as diversas perspectivas dos sujeitos e os seus fenômenos em sua complexidade.

Este tipo de pesquisa é considerado naturalista, pois, o pesquisador/investigador vai ao local onde ocorrem os fenômenos de seu interesse “incidindo os dados recolhidos nos comportamentos naturais das pessoas” (p.17), locais estes em que os sujeitos constroem seus repertórios e significações, dando sentido a este ambiente.

Dentre as várias possibilidades da abordagem qualitativa de pesquisa, esta assume a caracterização de estudo exploratório, na medida em que buscou explorar o campo e trazer os elementos iniciais acerca desta temática.

As fases do estudo compreenderam: levantamentos bibliográficos, aproximação do campo para a coleta (para familiarização com o ambiente e todos os seus envolvidos, em especial o público alvo do projeto, crianças e adolescentes), totalizando 5 visitas ao projeto de pólo aquático.

Foram entrevistados 2 assistentes sociais (Anexo 1), que atuam no projeto, respectivamente, (AS2) 4 anos e (AS1) 3 anos e 5 meses, ambas possuem carga horária de 30 horas semanais, exercendo a função administrativa, documental, acolhimento, acompanhamento e orientação de pais e crianças, apoio para os professores e visita domiciliar.

Após entrevistas com as assistentes sociais foram entrevistados 40 alunos (Anexo 2), da faixa etária dos 7 aos 13 anos, participantes do projeto de pólo aquático, os quais identificaremos como (A1, A2, A3... A40). Dos 40 entrevistados, 17 alunos ingressaram no projeto no ano de 2013, 10 alunos estão

desde 2011, 7 alunos estão no projeto desde 2010 e 6 alunos iniciaram o projeto em 2012.

Quanto às duas professoras de Educação Física entrevistadas (Anexo 3), ambas têm formação superior em educação física. A primeira delas (P1) formou-se em uma instituição privada, tendo sido atleta de pólo aquático, além de possuir especialização em medicina chinesa, e está no projeto desde o início de 2010. A outra (P2), possui formação superior em licenciatura e bacharelado em educação física, tendo-os cursado, respectivamente, em uma instituição pública e privada, ingressou no projeto no final do ano de 2010. As duas cumprem, no projeto, carga horária de trabalho de 36 horas semanais.

Tal levantamento nos permitiu compreender um pouco mais das características dos participantes deste estudo e seus tempos de convívio junto ao projeto.

Para a realização das entrevistas, foram entregues dois tipos de termos de consentimento livre e esclarecido, um tipo para as assistentes sociais e professores de educação física (APÊNDICE 1) e outro tipo para os pais/responsáveis pelos dos alunos (APÊNDICE 2). Todos eles foram assinados e entregues, dando condições para que os dados fossem coletados e apresentados nesta pesquisa, por meio de transcrições e análises das falas dos entrevistados.

3.2. Caracterização do Projeto

A pesquisa foi realizada em um projeto social esportivo da cidade de Bauru-SP interior do estado de São Paulo, localizado na região central da cidade. Tal projeto oferece ao seu público alvo, crianças e adolescente na faixa etária dos 7 aos 14 anos a modalidade pólo aquático. Este projeto nos chamou a atenção em virtude do contingente de alunos que participam do mesmo: cerca de 2.300 (até o final da coleta da pesquisa), sendo distribuído em três pólos em diferentes localizações. Dois desses projetos oferecem iniciação, aprendizagem e aperfeiçoamento das técnicas das modalidades e o outro formação de atletas de alto-rendimento, dando assim continuidade aos níveis dos projetos iniciais.

Deste cenário, o nosso recorte de estudo foi o projeto localizado na região central da cidade, por ser de fácil acesso para a população em geral e voltado para a iniciação esportiva de pólo aquático.

CAPITULO 4

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Após intensa leitura dos dados coletados e articulação dos mesmos com a literatura aqui apresentada, foi possível identificar 3 categorias de análise: (4.1) Expectativas dos participantes do projeto social esportivo, (4.2) A iniciação esportiva no contexto do projeto e (4.3) Avaliação do projeto: conquistas e desafios. Tais categorias serão apresentadas neste capítulo.

4.1. Expectativas dos participantes do projeto social

Nesta categoria, iremos explorar a temática das expectativas dos participantes (alunos, professores e assistentes sociais) do projeto analisado, dado que conforme Melo (2008), tal cenário é fundamental para que possamos compreender o ponto de vista dos sujeitos e as suas influências na efetividade do projeto.

A grande maioria dos projetos sociais esportivos é voltada para crianças e adolescentes de uma determinada faixa etária, com uma determinada característica, surgindo assim os discursos assistencialistas de tais projetos. Muitas vezes isso se dá sem buscar compreender o contexto social dos locais onde se instalam e ouvir seu público alvo, traçando objetivos que nem sempre são atingidos em virtude destes pequenos por menores, mas de grande relevância para as instalações dos mesmos (MELO 2008; GUEDES et al 2006; MONTAGNER e HIRAMA 2010).

Neste sentido, a categoria em questão irá analisar estas diversas expectativas, buscando evidenciar as convergências e divergências de opiniões, bem como, suas implicações para o projeto estudado.

No projeto por nós analisado, deparamo-nos com situação semelhante aos projetos investigados por Guedes, et al (2006) e Montagner e Hirama (2010), tendo em conta que o mesmo é destinado a crianças e adolescentes na faixa etária dos 7 aos 14 anos, que tem como objetivo a inclusão social e a formação de atletas de alto rendimento. Tal propósito foi confirmado pelas assistentes sociais, quando

perguntadas qual era o público alvo do projeto e quais as características dos sujeitos.

(...) É para crianças de 7 a 14 anos, por enquanto, então não importa se ela tem uma renda mais alta ou mais baixa, esse não é um critério de inclusão. (AS1)

Não. Não, o projeto não atende só crianças carentes. Crianças que queiram fazer um esporte e ponto (AS2)

Diferente de outros estudos, este projeto por nós estudado, apesar da semelhança no aspecto de atender uma determinada faixa etária, não é voltado apenas para crianças e adolescentes de baixa renda, mas, para crianças “que queiram fazer um esporte”, como afirma AS2, resposta que nos leva a repensar o conceito de inclusão social e os discursos proferidos pela grande maioria dos projetos, nos levando a algumas reflexões com relação ao conceito de inclusão e ao tipo de inclusão que está sendo proposto pelo projeto.

Como apontado por Melo (2008), “Incluir deve significar preparar o indivíduo para o exercício pleno da cidadania e isso certamente significa desenvolver olhares críticos sobre a realidade que os cerca, não adaptação incondicional a esse modelo de sociedade” (p.9) Ou seja, os projetos sociais esportivos não devem se prender a uma crença de que por meio do esporte seus participantes se tornarão grandes atletas, não que isso não seja possível, mas, pelo contexto sócio-político, nem todos chegam a este objetivo. Sendo assim, tais projetos, deveriam permitir outras perspectivas de futuros e um olhar crítico para o seu entorno, dando condições de modificá-lo, pois, só assim estaremos, de fato, problematizando a inclusão social.

Reflexões que adentram ao campo das expectativas dos participantes investigados em nossa pesquisa serão apresentadas a seguir na seguinte ordem: assistentes sociais, professores e alunos (crianças e adolescentes). Buscamos com isso encontrar eventuais divergências e convergências, elementos de suma importância para o andamento e o alcance dos objetivos do projeto de pólo aquático. Faremos uso de quadros para uma melhor visualização das respostas.

As assistentes sociais manifestaram as seguintes expectativas:

ASSISTENTES SOCIAIS

Minha expectativa é... Mais do que eles se tornarem um grande atleta, é ele se tornar um grande cidadão, entendeu que ele seja privado de estar conhecendo as drogas, saia talvez de um sofrimento, muitas vezes a gente não sabe como as crianças estão em casa, às vezes é uma situação bem difícil, né?! Às vezes situação difícil de convivência aí ela tem uma outra possibilidade de enxergar no esporte uma outra possibilidade e esse é o grande valor e graças a Deus a gente tem algumas histórias bem bonitas para contar aqui. **(AS1)**

Se sair um aqui e ir pra seleção, mas a oportunidade é que eles não percam, não importa se ficarem aqui um mês mas uma sementinha conseguimos plantar nestas crianças a ser uma boa cidadã, que todos conseguem, que todos são capazes, que a oportunidade são pra todos, não só para as estrelinhas, que tirar uma criança que não tem vontade de nada dar oportunidade pra eles. **(AS2)**

Quadro 1 Expectativas das assistentes sociais

Analisando as respostas das assistentes sociais, suas expectativas se pautam nos discursos que permeiam a grande maioria dos projetos dentre eles os esportivos: inclusão social, perspectivas de vida, formação de cidadãos, que todos são capazes e que as oportunidades são para todos, além de virem a se tornar atletas. Frases bastante contraditórias dado o contexto sócio político do nosso país, marcado pelas desigualdades e concentração de renda na mão de poucos, dando a entender que o esporte é a solução para os problemas sociais na sociedade, lhe entregando assim o título de “salvador”, que não é nem deve ser seu papel, mas, sim um dos meios para educar e contribuir para a formação de cidadãos críticos capazes de transformar, o seu entorno. Para Parlebas citado por Silva (2008):

(...) o desporto não possui nenhuma virtude mágica. Ele não é em si nem socializante, nem anti-socializante. Ele é aquilo que se fizer dele” (PARLEBAS, citado por SILVA 2008, p.5)

Como colocado por Parlebas, o esporte não pode ser considerado o salvador das desigualdades sociais e suas mazelas, construídas durante anos e anos de história em nosso país, mas ele pode ser utilizado como um meio para educar,

dando algum sentido para os sujeitos que dele se apropriam, pois, são eles os protagonistas deste processo.

Mas, para que esse isto aconteça, seu processo está diretamente interligado a um dos principais participantes do projeto, os professores, pois os objetivos dos projetos sociais esportivos deveriam estar atrelados ao processo didático pedagógico empreendido pelos docentes, efetivadas nas aulas e conseqüentemente com influência na significação do projeto pelos seus participantes.

Foram entrevistadas duas professoras formadas em Educação Física que ministram aulas para a iniciação, aperfeiçoamento, pré- treinamento e treinamento de pólo aquático. Profissionais estes de grande relevância, pois, é durante as suas aulas que se evidenciam as intencionalidades do projeto e suas expectativas, podendo ser articuladas ou não às expectativas dos alunos.

PROFESSORAS

(...) A expectativa que eu tenho é que cada vez a gente consiga mais resgatar as crianças da rua, tem bastante criança que a gente sabe que tem envolvimento com drogas, se apega mesmo ao pólo e deixa. Então a expectativa é resgatar mesmo e ir afundo afastar elas do crime, do uso de drogas, tentar fazê-las entender que através do esporte, daqui do esporte elas podem conseguir muitas coisas, porque nos clubes de São Paulo, também quando eles chegam no alto rendimento é os clubes também pagam faculdade, também pagam moradia, para auxiliar o atleta, então muitas crianças não teriam chances de fazer uma faculdade de ganhar alguma coisa, através do esporte, e aqui no pólo aquático ou em outro clube, elas vão conseguir e a expectativa é que cada vez a gente consiga trazer mais crianças e consiga um número maior de crianças e de bons atletas representando a **(nome do projeto)**. (P1)

Minha expectativa é que ele continue crescendo, em quantidade e qualidade, e possa servir de exemplo para outras iniciativas como esta, que consiga angariar mais patrocínios privados e verbas publicas para investir e ampliar o atendimento sócio-educativo do projeto. Outra expectativa diz respeito ao futuro dos alunos que, escolhendo seguir ou não no esporte, invistam na educação e entrem em universidades e, quem sabe, alguns possam até dar continuidade no projeto atuando como professores, técnicos, fisioterapeutas, psicólogos. (P2)

Quadro 2 Expectativas das professoras

Percebemos que assim como as assistentes sociais, as professoras em especial a P1, manifestam uma convergência de expectativas, pautadas no esporte como meio de inclusão social, dando ao esporte um caráter de que ele é capaz de afastar crianças e adolescentes de uma das mazelas sociais que acomete a sociedade brasileira até os dias atuais, a criminalidade e o uso de drogas. Tais elementos foram encontrados nos estudos de Zaluar (1994) e Guedes et al (2006), motivos estes que justificam e tornam o pilar para o surgimento destes projetos sociais. Fortalecendo, assim como Thomassim e Stigger (2009), a participação e a responsabilização da sociedade, conjuntamente com o Estado de cuidar dos seus, por meio das parcerias com estas instituições.

Assim como as assistentes sociais, as professoras manifestaram discursos comuns que partem a grande maioria dos projetos sociais, dando ao esporte um caráter de o salvador da sociedade, o redentor das mazelas sociais, contribuindo para o imaginário social como Silva (2008) pontua:

(...) o esporte hoje é considerado um dos maiores fenômenos sociais da modernidade. Reconhecido como uma forma elementar de socialização, até uma variedade profissional, o esporte compõe o imaginário social, sendo identificado por elementos, como força, superação de limites, vitória e supremacia quanto valores próprios, refletindo assim o modelo social vigente (RUBIO, citado por SILVA 2008, p.4)

Se contrapondo a esta defesa salvacionista do esporte, o esporte só poderá afastar crianças e adolescentes da rua e da criminalidade lhes dando novas perspectivas de vida quando outras várias necessidades emergenciais também forem atendidas, tais como: alimentação, saúde, educação, condições de trabalho. Mudanças estas que requerem acentuadas conquistas sociais ainda distantes dos cenários brasileiros. A ascensão profissional, por exemplo, é um grande fator de exclusão social, pois, apenas os mais habilidosos se sobressaem. Thomassim e Stigger (2009), tratam dos projetos sociais, que tem como meta formação de atletas destacam as quase mínimas chances de que alguém seja descoberto nestes inúmeros projetos espalhados por todo o país, inviabilizando assim os sonhos destas crianças e adolescentes.

Após estes apontamentos, quais são as expectativas deste público alvo atingido pelo projeto? Será que elas são convergentes ou divergentes dos

professores e assistentes sociais? Dentre as respostas dadas pelos alunos, as que mais se destacaram foram:

O que você espera conseguir com o projeto?	
Respostas	Quantidades
Ser atleta	27
Perspectivas de futuro	09
Melhorar	02
Socialização/ responsabilidade	01
Não soube responder	01

Quadro 3 Expectativas dos alunos

Como podemos notar, muitas crianças e adolescentes dos projetos, esperam tornarem-se atletas, acendendo assim uma discussão com relação às chances de um deles vir a se tornar atletas dentro de um país que pouco investe e incentiva o esporte.

Estas expectativas, de ambos os participantes, parecem caminhar com uma parte do que as assistentes sociais e professoras falam sobre a formação de atletas, mas também fica evidente a conscientização que ambas têm da dificuldade, desta possibilidade acontecer e abarcar o sonho destas crianças e adolescentes, que perpetue esse sonho de ascensão por meio do esporte. Outro ponto encontrado é a perspectiva de futuro elencada pelos alunos indo ao encontro com os discursos de professores e assistentes sociais, acerca de que o esporte pode trazer novas oportunidades e possibilidades de vida, fazendo-as enxergar além do seu entorno, e fortalecendo a vontade de melhorar dentro do esporte.

Em suma, tais expectativas parecem convergir de alguma forma entre si, tanto no aspecto da profissionalização, socialização e inclusão, esbarrando contudo em questões culturais e históricas do nosso país, como por exemplo um restrito investimento no esporte, especialmente no âmbito do lazer.

4.2. A iniciação esportiva no contexto do projeto

Nesta categoria apresentaremos como se dá a iniciação esportiva no contexto do projeto pesquisado e suas implicações.

O projeto de pólo aquático atende crianças e adolescentes na faixa etária dos 7 aos 14 anos, tendo como objetivo a formação de atletas de alto rendimento, subdividindo-se em outros 3 propósitos/locais, sendo que um deles é voltado exclusivamente para o alto rendimento, interligando-se aos outros 2, voltados à iniciação esportiva, oferecendo assim, continuidade ao seu objetivo.

Ao fazer uso do esporte com o intuito de formação de atletas, alguns projetos sociais esportivos, assim como o projeto pesquisado, trazem à tona discussões sobre a especialização precoce de crianças e adolescentes em uma determinada modalidade, levantando assim, segundo Oliveira; Gaion e Nascimento (2010), preocupações com relação às metodologias e conteúdos empregados na iniciação esportiva.

Este apontamento será o ponto chave para entendermos como se dá a iniciação esportiva no projeto de pólo aquático pesquisado por nós. Baseando-se nas entrevistas realizadas com as professoras e os alunos, foi possível evidenciar, alguns pontos chaves para a compreensão de como se dá o processo pedagógico metodológico do referido projeto, ou seja, como acontece as aulas. Para isso, analisamos os dados de 2 professoras e 40 alunos de ambos os sexos da faixa etária dos 9 aos 13 anos. Para as professoras, indagamos como eram realizados os planejamentos e como se dava o processo de abertura de vagas para a iniciação esportiva e para os alunos, quando ingressaram no projeto e os motivos que os levaram a participarem dele. As respostas estão relacionadas a seguir.

Para os alunos, o ano de ingresso e o tempo de permanência no projeto serão apresentados em forma de quadros, obedecendo uma sequência lógica de seu surgimento em 2010 até a realização da pesquisa em 2014:

Ingresso dos alunos		
Ano	Quantidade de alunos	Tempo
2010	07	04 anos
2011	10	03 anos
2012	06	02 anos
2013	17	01 ano
2014	-	-
Total de alunos	40	

Quadro 4 Ingresso dos alunos no projeto

Como podemos notar, dos 40 alunos entrevistados, 7 alunos ingressaram no projeto em 2010, totalizando 4 anos no projeto, em 2011, 10 alunos, estão a 3 anos no projeto, em 2012, 6 alunos, estariam a 2 anos, e 2013 o número aumenta para 17 alunos, sinalizando para a entrada de novos alunos no projeto, que é comentado pela professora (P2), ao explicar a dinâmica da abertura de vagas na iniciação esportiva e nos outros níveis de aprendizagem trabalhados pelo projeto:

É, varia de acordo com a disponibilidade dos horários como, por exemplo: na iniciação algumas tem 20 crianças se eu consigo passar essas crianças melhoram e passam de turma e professor, então eu tenho vaga na iniciação, mas se às vezes é uma turma que demora um pouco mais, tem um tempo de aprendizagem um pouco maior e fica precisando de gente na aprendizagem, então talvez seja selecionada, uma criança um pouquinho mais de experiência prévia, então é mais do que precisa aqui se é iniciação, se é aprendizagem varia (P2).

Evidenciamos que os níveis e as aberturas de vagas na iniciação esportiva se dão por meio das necessidades apresentadas nos níveis de aprendizagem oferecidos pelo projeto, a saber, iniciação, aprendizagem e treinamento. Outro ponto relevante está no processo de como os alunos são selecionados para mudar de nível, estando diretamente relacionadas com a sua própria evolução dentro da modalidade, respeitando assim o estágio em que se encontram. Esses achados nos levam ao nosso segundo tópico, o planejamento das aulas pelas professoras.

Ao serem indagadas sobre como são planejadas as aulas e traçados os objetivos para cada faixa etária, elas responderam:

Planejamento das aulas
Bom, o meu planejamento é realizado semestral, de acordo com o calendário dos campeonatos, então primeiro a gente fica sabendo as datas dos campeonatos pra gente conseguir, determinar os objetivos do treino. (P1)
É semestralmente, a gente olha o calendário da CBDA. (P2)

Quadro 5. Planejamento das aulas por parte das professoras

Destas falas podemos destacarmos um ponto crucial, com relação a forma como é planejada as aulas, segundo as professoras, está interligada com o calendário dos campeonatos, influenciando diretamente seu planejamento, para atingir as metas a serem alcançadas nas competições e campeonatos, característica esta dos esportes voltados para o alto rendimento.

Ainda sobre os planejamentos das aulas, as professoras apontaram que suas aulas não são separadas por faixa etária e sim por categorias e que a intensidade das aulas varia com o nível em que os alunos se encontram:

É separado por categoria né! Às vezes não faixa etária, não dá muito certo, porque algumas crianças são mais evoluídas então a gente separa mais por categoria mesmo, treinamento e pré-treinamento é de segunda a sábado, e as crianças de iniciação e aprendizagem duas ou três vezes na semana (P1).

Das minhas aulas, depende tem aulas que são duas vezes por semana, três vezes por semana, dependem do nível da aula, e quanto maior o nível da criança mais vezes ela faz na semana, então as equipes de treinamento fazem seis vezes na semana. Não. Não, é separada por faixa etária (P2)

O processo metodológico empregado no processo de ensino aprendizagem de crianças e adolescentes, em espaços que visam à iniciação esportiva para a formação de atletas, vem levantando questionamentos e preocupações acerca da especialização precoce deste público. Criando-se divisões do que se trabalhar em cada faixa etária, como os estudos de Gallahue e Osmum apontados por Paes e Oliveira (2004).

Tais estudos levam em consideração a fase desenvolvimentista do indivíduo, separando-as por faixa etária: em que para a faixa etária dos 7 aos 10 anos, a aprendizagem deve ser global, o professor não deve interferir nos gestos motores, pois, essa seria uma fase de sentir e vivenciar o movimento; dos 11 aos 12 anos, seriam introduzidos às correções técnicas do movimento, e a partir dos 13 aos 14 anos, iniciaria o processo de especificidade dos gestos e só depois desta idade ocorreria o aperfeiçoamento tático da modalidade. Este método proposto por estes autores esbarram em um ponto de extrema importância, ao se pautar apenas levando em conta o processo de desenvolvimento de cada faixa etária, sem levar em consideração uma das preocupações evidenciadas por Silva e Rose (2005), de

que a idade das crianças e suas características não são padrões, pois, isso depende do seu desenvolvimento e de como ela lida com isso, podendo estar em um ou outro estágio, cabendo assim, ao professor, observar e adequar suas aulas ao nível que as crianças se encontra.

Apontamento este, dos autores, evidenciado na forma com que os níveis voltados para aprendizagem do pólo aquático estão estruturados no projeto. Não por faixa etária, mas, sim por categorias, de acordo com o desempenho e características, tanto da turma quanto do aluno, respeitando, assim, os estágios de aprendizagem dos alunos, como pontuadas por ambas as professoras, indo ao encontro da literatura.

Levando em conta as características e os objetivos dos projetos, buscamos saber os motivos que levaram estes alunos a se interessarem pelo projeto, cujos resultados serão apresentados em forma de quadro, para uma melhor visualização das respostas.

Porque quis entrar no projeto?	
MOTIVOS	QUANTIDADES DE RESPOSTAS
Aprender uma prática esportiva	18
Influência de pais, amigos, parentes e irmãos e mídia	09
Achou interessante/gostou	06
Viagens/ Jogo	03
Futuro	02
Ocupação	01
Faz amigos	01

Quadro 6 Motivos para o ingresso dos alunos no projeto

Dos motivos pelos quais os alunos entraram no projeto, podemos apontar: influências de pais, amigos, parentes, irmãos e mídia, vontade de aprender uma prática esportiva, lazer por meio de viagens e jogos, ter uma ocupação, obter algum futuro, porque achou interessante e pela socialização.

Dentre as respostas, destacamos a seguir as justificativas com relação a algumas subcategorias:

Aprender uma prática esportiva:

Eu quis entrar para aprender a nadar (A5)

É, eu gostava de nadar, mas eu não sabia ai, eu vim aqui e aprende a nadar (A16)

Eu já fazia natação, daí eu fiquei um tempo sem fazer, daí eu soube e quis vir. (A 26)

Influências de pais, amigos, irmãos e mídia:

Ah minha mãe falou assim oh, perguntei que era um bom esporte para mim fazer, ai mostrou lá, ai eu gostei, de gente jogando pólo, o que era, aí eu pedi para fazer mesmo. Ai eu comecei a fazer o pólo agora e to gostando pra caramba! (A8)

É que meu irmão também faz, é porque ele queria fazer natação, aí ele fez natação, só que ai é que o professor dele falou assim, só que agora para ganhar medalha de ouro você vai ter que fazer pólo, hein?! Aí ele, começou a fazer pólo aquático, aí agora ele é até da seleção, aí eu comecei a fazer também (A19).

É que uma amiga da minha mãe falou para ela. Porque eu quis conhecer mesmo (A 22).

Achou interessante/gostou:

Eu achei interessante, e achei legal participar (A2)

Eu acho legal e diverte (A38)

Viagens/ Jogo:

Porque é legal, as viagens e porque tem jogo (A28)

Ah, vai viajar, tem jogo eu gosto de jogo (A29)

Ocupação:

Ah, porque não tinha nada para fazer em casa (A40)

Futuro:

Porque ia me dar um futuro, melhor para mim. (A11)

Porque eu acho bom pra mim, que é um futuro. (A32)

Faz amigos:

“Achei legal, e não sei, muito legal, e também faz bastante amigos.”A33

Como podemos notar, os motivos pelos quais os alunos justificaram o que os levou a buscarem o projeto, vão desde o interesse da prática esportiva, à socialização. Dado que está de acordo com ao contexto do fenômeno esportivo e a influência das mídias, pois, segundo Paes e Oliveira (2004), o esporte é uma prática popular realizada por várias nações e que em virtude dos meios midiáticos acabou por despertar o interesse, de crianças e adolescentes, para a sua prática, em especial na busca pela profissionalização, mas, esta busca também está relacionada com a influência dos pais, podendo ser esta positiva ou negativa, pois, muitas vezes os pais acabam depositando suas expectativas na ascensão profissional de seus filhos por meio do esporte.

4.3. A avaliação do projeto: conquistas e desafios

Nesta categoria, abordaremos as potencialidades e fragilidades apontadas pelas assistentes sociais, professoras e alunos, de acordo com suas perspectivas, podendo assim, contribuir para um novo olhar para a melhora do projeto em si, em todos os seus aspectos, sejam eles positivos ou negativos.

Iniciaremos apresentando os pontos negativos relatados por ambos os entrevistados, seguindo a seguinte ordem: assistentes sociais, professoras e alunos:

Com relação às dificuldades apresentadas pelo projeto, são apontados pelas assistentes sociais: problemas de cunho estrutural, falta de benefícios, em virtude das características de seu público alvo, falta de participação dos pais no processo de aprendizagem, e a pouca ajuda oferecida pela prefeitura, evidenciados a seguir:

(...) O projeto oferece muita coisa, oferece estrutura, oferece até benefícios vamos falar já dos benefícios dos atletas, mas ainda assim falta muita coisa, como você já viu na estatística do nosso site lá, a gente tem muita criança carente no projeto, as vezes não tem nem maiô, então a gente faz campanha, levanta maiô, sunguinha, entrega e tudo, mas é difícil, não tem para todos, tem muita criança que não tem dinheiro para vir ao projeto (AS1).

Estrutura:

(...) talvez até investir mais nas escolinhas a gente precisa de mais piscinas né, essas piscinas já são poucas pra gente (...) o tempo que você fica aqui você pode olhar uma taxa de 60 alunos por hora entendeu?! (AS1)

Falta de participação dos pais:

(...) então nossa maior dificuldade é estar trabalhando com os pais a importância deles hoje em continuar e não desistir, não faltar, que às vezes é uma oportunidade única que muitas vezes demora um ano, mais é um ano que é o ano da criança oportunidade da criança, porque os pais não têm isso claro, eles não entendem (AS2)

Falta de ajuda de órgãos públicos:

(...) Falta da prefeitura mesmo, de nos estar ajudando em pequeno transporte. Hoje chegamos a atender 10 entidades sociais, que nesta maioria são carentes, porque hoje não temos o transporte. A [nome do projeto] não tem como manter tudo também, além dos transportes das crianças aqui. Então nossa "dificuldade, que nós temos a parceria da prefeitura é mínima (AS2)

Já segundo o ponto de vista das professoras, as maiores dificuldades do projeto além da questão estrutural, assim como encontrado nas falas das assistentes sociais, estão na formação dos professores, que se acomodaram não indo atrás de capacitação profissional, falta de uma administração eficiente e problemas de relacionamentos pessoais:

Estrutural:

(...) o projeto começou, a gente começou assim com pouquíssimas crianças e de uma hora para outra cresceu muito né, aí foi necessário crescer o quadro de funcionários, aumentar o número de piscina, eu acho que a estrutura da [nome do projeto] não conseguiu acompanhar em questão assim de funcionários, de horários (P1)

Capacitação profissional:

(...) Então eu acho que a [nome do projeto] tem um grande problema quanto aos funcionários a gente tem muito funcionário, muito

professor que não é qualificado, não é capacitado, acho que porque precisava contratar era o que tinha disponível então foi contratado,foi contratando, acredito que esses professores se acomodaram, não procuraram se capacitar, melhorar (P1)

Falta de liderança:

(...) por falta de liderança, que aqui a gente tem um grande problema de liderança, tanto coordenador administrativo, quanto coordenador da piscina (P1)

Relacionamentos pessoais:

(...) falta diferenciar o relacionamento profissional, do relacionamento pessoal, porque muitos assim são amigos, e aí rola aquele negócio de não dá para chamar atenção, porque ele é meu amigo, então a gente acaba tendo muito problema, este tipo de problema. (P1)

Em virtude do contingente de alunos entrevistados, optamos por organizar os dados em quadro, elencando as respostas que mais apareceram com relação ao que eles apontaram menos gostar no projeto, podendo assim, aparecer respostas que se encaixavam em outras subcategorias. Destas, obtivemos respostas relacionadas ao aspecto físico e de inter-relações, são elas:

O QUE MENOS GOSTA NO PROJETO?	
MOTIVOS	QUANTIDADES DE RESPOSTAS
Tiro e físico	25
Bronca dos professores	13
Brincadeiras de bater/agressão verbal/desentendimento e brigas	05
Gosta de tudo	02
Frio	02

Quadro 7 Elementos que os alunos menos gostam no projeto

Estes apontamentos dos alunos, com relação ao que menos gostam, são pontos cruciais com relação ao objetivo do projeto e à condução das aulas, nos levando a questionar, se os mesmos enxergam o porquê e para que serve esta aula, muitas vezes, não tendo sentido para os mesmos, por mais que este planejamento seja periodizado de acordo com a faixa etária de cada nível, evidenciando os

motivos de muitos alunos apontarem que não gostam da parte física, seja dentro, ou fora da piscina.

Dos tiros, porque cansa muito né. A16

Ah, do tiro, ai também não gosto muito de físico não. (A17)

Já nos aspectos relacionados às aulas, podemos destacar as broncas pautadas segundo os alunos, na execução do exercício.

Eu não sei é... tomar broncas sei lá... Fazer o exercício errado, e tomar bronca da professora sei lá. (A7)

Levar bronca, quando nado de cabeça baixa, quando é para nadar de cabeça alta, quando eu nado de cabeça baixa ela grita assim:_ A99999, nada de cabeça alta. (A9)

Por outro lado, temos a dificuldade, da socialização, do aprender a lidar com o outro e suas implicações no andamento e convívio dentro do projeto

O que eu menos gosto é quando alguém entra em discussão com alguém por nada, por exemplo, destrói toda a união do time, quando alguém entra em discussão, por exemplo, se eu entrar em discussão com a (...), porque ela caiu e acertou em mim aí vai destruir toda a união do time. (A30)

Após apontarmos os pontos negativos sobre o olhar de cada participante, com relação ao projeto em todos os seus aspectos, apontaremos os pontos positivos, seguindo a mesma ordem que usamos anteriormente:

Assistentes sociais:

Para as assistentes sociais, fazendo um recorte de forma geral, as principais conquistas não estão apenas na formação de atletas, mas, nas oportunidades advindas dos projetos, e nas novas perspectivas proporcionadas por ele aos seus participantes, muitas vezes tirando-os do único meio que estes convivem, mostrando outros caminhos, participação dos pais, o crescimento do projeto, novas parcerias, aumento do quadro de funcionários e a ocupação de crianças e adolescente, tirando as da rua:

Formação de atletas:

Então não vou saber te dizer os campeonatos que já ganharam né, como diria o nosso presidente, nossa grande conquista é ver nossos atletas entrando na faculdade, se formando essa é a maior conquista, temos um atleta que está na seleção Brasileira de pólo e a gente treina eles para isso mesmo, para eles voarem né, é então esse daí foi que foi na frente né? (AS1)

Perspectivas:

(...) as oportunidades porque ele sai do meio dele conhece outros meios, tendo outras oportunidades e o objetivo maior mais do que eles se tornar um grande atleta, é ele se tornar um grande cidadão, entendeu que ele seja privado de estar conhecendo as drogas, saia talvez de um sofrimento, muitas vezes a gente não sabe como as crianças estão em casa. Às vezes é uma situação bem difícil, né as vezes situação difícil de convivência aí ela tem uma outra possibilidade de enxergar no esporte uma outra possibilidade. (AS1)

Participação dos pais:

(...) Quando a criança chega lá no treinamento, a maioria dos pais conseguem perceber a grandeza da coisa porque é como te falei é muito difícil para quem está de fora, acha que é uma escolinha de natação como uma academia, por exemplo, vai lá prender a nadar aprendeu? Então agora terminou! Agora quando eles começam a participar desde a iniciação, festivais, torneios, porque traz a família né, aí a família vê o desenvolvimento entra já vai pegando o prazer assim de participar que também é uma coisa nova, para família, você sabe que o Brasil não investe no esporte, então a gente não tem assim uma cultura de apoiar o esporte, então tem adolescentes no treinamento que os pais não vão lá ver, nunca foram ver um jogo, mas em sua maioria os pais vão participam, ajudam muito, ajudam os atletas a enfrentar as rotinas que eles acordam muito cedo, o treinamento é muito pesado e não tem falta, não existe falta então é bem puxado e se não tem a família a base de tudo isso para ajudar o atleta a enfrentar as dificuldades que ele tem, ninguém teria sucesso, então a verdade somos todos juntos, as famílias participam neste aspecto até aquela família que as vezes nunca foi lá assistir um jogo por várias razões, às vezes a família trabalha e não pode, mas ela tá ali ela apoia, ela ajuda o aluno a dormir cedo, acordar cedo. (AS1)

Estrutura do projeto:

Olha nós conseguimos encher uma piscina, nos tínhamos 200... 70 crianças, depois 200 crianças, 250 o aumentar nossa parceria na questão da piscina da [pólo x] no [pólo Y], da [pólo Z] atender mais

crianças, tirar as crianças da rua, ocupar a maioria delas, aumentou o quadro de funcionários, algumas parcerias também envolta do patrocínio da [nome do pólo], a nossa estrutura, acho que hoje nossas maiores conquistas foi isso. (AS2)

Já as professoras pautam os pontos positivos para além dos ganhos de medalhas e troféus, em questões sociais:

Campeonatos e competições

Ah, eu acho que é... em questão de títulos, a gente é um projeto novo 4 anos, os outros projetos, os outros times na verdade nós somos uns dos projetos né?! estão ai há muito tempo á mais de 10 anos, então demora muito para você formar atleta, mas mesmo assim a gente já tem campeão brasileiro na categoria sub 13 masculina e feminino, terceiro lugar no sub 15 no feminino e masculino, todo ano a gente tem ido participar da Itália jogar um campeonato lá, essas crianças que jogam campeonato lá, são crianças que hoje se destacam muito, são muito habilidosas e gostam do pólo e também isso chamam as outras crianças pra treinar e acho que em geral é isso. (P1)

Pontos sociais:

(...) em conquistas todos os dias a gente consegue tirar bastante criança da rua, a gente consegue ajudar bastante criança que é bem pobre mesmo não tem dinheiro pra comer e as vezes não tem o que vestir, as vezes na parte social de interagir né, com amigos e socializar então acho que tem o ganho dos dois lados. (P1)

É, eu acho que as principais conquistas não são materiais eu acho que são, por mais que a gente vem conseguindo conquistar é medalha, os troféus, então eu acho que a maior conquista é a possibilidade das crianças enxergarem um outro futuro talvez, que seria ter uma perspectiva diferente sobre o futuro, então porque aqui elas convivem, elas vem de realidades muito diferentes, e a maioria vem de realidades muito pobres, então com famílias desestruturadas, com pais ausentes, as vezes sem a presença dos pais mesmos, sem saber quem são, então você vê que são crianças carentes não só no sentido financeiro, mas no sentido afetivo também e você vê aqui eles depositam um pouco essa afetividade que ás vezes eles não tem em casa na gente como professor e eles criam uma perspectiva por causa do pólo aquático com a chance de viajar pra campeonatos, mas, mais que isso de ter uma bolsa de estudos, de ter alimentação, e acho que aqui principalmente nas equipes de treinamento eles tem uma coisa, que ás vezes eles não tem em casa que é essa coisa de grupo de família, de união, por serem justamente pelo caráter, do esporte que é pólo, é coletivo e cria um vinculo entre as crianças.(P2)

E por fim, na visão dos alunos, os pontos positivos estão pautados nas relações sociais, nas atividades de caráter de lazer, na aprendizagem das modalidades natação e pólo aquático, no ambiente, no aspecto motivacional e na competição.

O QUE MAIS GOSTA NO PROJETO?	
MOTIVOS	QUANTIDADES DE RESPOSTAS
Professores e amigos	37
Jogos/brincadeiras/viagens	18
Competições/ Campeonatos/ treinos	11
Aula e professor	05
Aprendizagem da modalidade/natação e pólo	04
Lugar	02
Elogios de parentes	01

Quadro 8 Elementos que os alunos mais gostam no projeto

Dentre algumas respostas de cada apontamento, faremos um recorte:

Professores e amigos:

É dos meus amigos, e do pólo, a natação. (A32)

Jogos/brincadeiras / viagens:

Jogar, eu gosto de viajar, porque é legal, conhecer outras coisas, outros lugares. (A23)

O pólo, amigos e as viagens. (A26)

Competição/campeonatos/treinos:

Ah, eu gosto dos meus amigos, eu gosto de jogar, gosto de vir treinar. (A4)

Das viagens, dos campeonatos. [Por que você gosta do campeonato?] Do jogo, ganhar medalha, faz gol, ganha e perde, tem que saber ganhar e perder. (33)

Aula e professor:

Ah, minhas amigas e os professores e a aula. (A3)

Ah, nossa, eu gosto de tudo aqui, das professoras que acho que ensinam super bem, incentivam né?!, eu gosto da... de jogar aqui o pólo, é interessante jogar aqui, o espaço, ah eu gosto de tudo. (A8)

Aprendizagem de alguma modalidade/natação e pólo:

De nadar. (A36)

Lugar

Da piscina, dos professores que são muito legais, são profissionais, são atenciosos, é... o lugar é limpo, é bem limpinho, o banheiro é bom, tem as assistentes social ali, para ajudar caso a gente precise. (A7)

Elogios de parentes

Uma das coisas que aprendi e gosto de ouvir é dos meus familiares que tem orgulho de mim, deu estar participando da equipe. (A2)

Nas avaliações realizadas sobre o olhar de seus participantes, existem algumas convergências quanto aos pontos negativos e positivos entre as assistentes sociais e professoras, ao apontarem alguns problemas relacionados á estrutura do projeto, que apesar do crescimento com relação ao público, que abrange cerca de 2300 crianças e adolescentes, sua estrutura acaba se esgotando em virtude da falta de parcerias e espaços, para um novo local, pois, a prática de sua modalidade exige um lugar específico para acontecer (piscina) o que dificulta aumento de sua abrangência. Outro ponto relacionado a questões estruturais é a falta de capacitação dos profissionais que adentraram o projeto, em virtude de seu comodismo, podendo assim comprometer a aprendizagem dos alunos, pois, esta forma de agir pode influenciar no andamento de suas aulas e sua própria visão, sobre o projeto, podendo assim nos achados de Zaluar (1994), em que um dos professores

entrevistados, pontuou que enxergava o projeto como aula da bagunça, ou não exigia dos seus alunos, pois, o projeto era recreacional, podendo causar assim a desmotivação, de seus participantes. Ressalta-se que este profissional é de suma importância no processo didático pedagógico, das aulas, e exerce grande influência em seus participantes.

Tal problema pode também estar relacionado com a falta de uma administração que cobre e incentive seus profissionais, na busca por melhores qualificações, fortalecendo assim, a iniciativa do projeto e mostrando um pouco mais a sua seriedade. Dentre estes aspectos, quando P1 aponta sobre problemas relacionados a questões pessoais, no projeto, esta aponta um ponto crucial, a falta de diferenciação entre profissionalismo e amizade, entre seus membros, pois, ao misturar estas relações compromete-se a harmonia do andamento do projeto, podendo causar ou não desmotivação de outros profissionais, que ali trabalham e acreditam no potencial do projeto.

Por outro lado, na visão dos alunos, temos uma avaliação pautada nas aulas, pois, são nelas que estes passam a significar e resignificar os projetos, o que nos levou a uma análise minuciosa sobre a concepção dos participantes com relação ao projeto, em que notamos um embate entre as características de uma aula voltada para o alto- rendimento, que a maioria pontua não gostar, contrapondo-se a uma prática prazerosa voltada para o lazer, quando os alunos dizem gostar, das viagens para conhecer lugares novos, dos jogos e brincadeiras. Apontamentos estes que merecem atenção, de grande relevância para o projeto em questão, levantando certas reflexões no modo de se trabalhar os pontos que os alunos manifestaram não gostar, buscando encontrar um meio mais prazeroso para esta faixa etária, atendida pelo projeto.

Após estas análises, apontaremos as considerações finais, resultantes desta pesquisa, a fim de contribuir, para outras pesquisas com a mesma temática.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto social esportivo de pólo aquático, objeto de nossa investigação, tem como objetivo a inclusão social e a formação de atletas de alto- rendimento, para crianças e adolescentes na faixa etária dos 7 aos 14 anos. Buscamos investigar quais as expectativas de seus participantes, professores de educação física e assistentes sociais, em especial seu público alvo crianças e adolescentes, em que os resultados evidenciaram que às expectativas de seus integrantes convergem entre si, quando se trata de formação de atletas de auto rendimento.

Apesar das convergências, com relação às expectativas, as professoras e assistentes sociais possuem a consciência de que a busca pela ascensão profissional, por meio do esporte, é um caminho árduo e que nem todos conseguem chegar lá, adentrando ao campo das frustrações e quebras de expectativas dadas as circunstâncias, pois o esporte de alto rendimento é altamente seletivo e excludente, colocando em cheque outro objetivo dos projetos sociais, em geral, a inclusão social. Fazendo-nos refletir sobre está finalidade dos projetos sociais esportivos voltados à profissionalização, dado ao contexto altamente excludente, que permeia os esportes de alto rendimento, em nosso país.

Dentre os resultados observados, encontramos outra significação, manifestada pelo público alvo atendido pelo projeto, que também enxerga o espaço como um momento de lazer, mostrando que é possível encontrar em um mesmo espaço diferentes significações mesmo que as finalidades empregadas pelo esporte sejam outras. Isto contraria a forma desassociada com que os projetos sociais empregam o uso dos esportes como seu eixo norteador.

Apesar dos dados analisados neste projeto convergirem entre si, na grande maioria de seus aspectos e levantar algumas preocupações, acerca do sonho de ascensão profissional, expectativas estas provindas do público alvo da iniciação sportiva, isso, nos leva a outras inquietações, como: O que será que acontece com essas crianças, após está faixa etária atendida por esse projeto em específico? Será que elas dão continuidade a prática esportiva? Quais suas frustrações e alegrias quando chegam ao alto rendimento? O que as motiva a seguirem em frente, com os seus sonhos?

Indagações estas que poderão ser fruto de novos trabalhos, visando contribuir para a literatura ainda escassa neste sentido, a fim de proporcionar um olhar crítico com relação às finalidades e às intencionalidades dos projetos sociais esportivos, a partir dos reais envolvidos nele, que nem sempre são ouvidos.

6. REFERÊNCIAS

MELO; V, A. **“Projetos sociais “De esporte e Lazer: Reflexões, Inquietações, sugestões; Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rev. Quaderns d’Animació i educació social; 2008**

BORG DAN.R;BIKLEN.S. **Investigação Qualitativa em Educação** .Editora.Porto,LDA;1994

FERREIRA, B.N. **O pólo aquático com recurso pedagógico para o ensino da natação:Um relato de experiência.** Porto Alegre 2013

GUEDES, S. L. *et. al.* **Projetos Sociais Esportivos: notas de Pesquisa. Anpuh Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, 2006, p.1 a 10. Disponível em: <http://rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Simoni%20L.Guedes,%20Julio%20Davies,%20Michelle%20ARodrigues%20e%20Rafael%20MSantos.pdf>. Acessado em 31/1/2012.

GUEDES, S. L.; DAVIES, J. D.; NOVAES, R. B. **Projetos Sociais Esportivos e as Novas Trajetórias dos Atletas Profissionais.** In: **Anais... 30º Encontro Anual da ANPOCS.** Rio de Janeiro, 2006, p.1 a 15. Disponível em: http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/093655_Guedes,%20Davies%20e%20Novaes%20-20Projetos%20sociais%20esportivos%20e%20as%20novas%20trajetorias%20dos%20atletas%20profissi.pdf. Acessado em :31/1/2013.

MONTAGNER, P. C., HIRAMA, L. K. **Esporte e Projeto Social na ‘ Favela’: Memórias, Experiências e Valores Educativos.** In: BENTO, J.O; PRISTA. A. **Desporto e Educação Física em português:** contributos para o XIII congresso de Ciências do Desporto e de Educação Física dos países de Língua Portuguesa. Centro de Investigação, formação e Inovação e Interpretação em desporto/Faculdade de Desporto e Universidade do Porto. Porto/Portugal, 2010, p.373-400.

NEVES, R, L,R; RAMOS,A, M. **A iniciação esportiva e a especialização precoce- á luz da teoria da complexidade- notas introdutórias** *PENSAR A PRÁTICA* 11/1: 1-8, jan./jul. 2008

OLIVEIRA, A.M, GAION, P, A; NASIMENTO, J,R. **A pedagogia do esporte como abordagem de ensino nos programas de iniciação aos jogos esportivos e coletivos,** *Rev.Digital- Buenos Aires-Año 14-Nº 140- 2010*

PAES, R, R; OLIVEIRA, V. **A pedagogia da iniviação esportiva: um estudo sobre o ensino dos jogos desportivos coletivos.***Rev. digital- Buenos Aires- Año10-Nº71- Abril de 2004* Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd71/jogos.htm>

SILVA,F,S. **Projetos sociais em discussão na psicologia do esporte,** *Rev. bras. psicol. esporte v.1 n.1 São Paulo dez. 2007* Disponível em: [ttp://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1981-91452007000100005&script=sci_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1981-91452007000100005&script=sci_arttext)

SOUZA, D. L. *et. al.* **Determinantes para implementação de um projeto social.** *Revista Motriz,* Rio Claro, v.16 n.3 p.689-700, julh./set.2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/motriz/v16n3/a17v16n3.pdf>. Acessado em 20/11/2012.

THOMASSIM, A. E. C., STIGGER, M. P. **Super oferta de projetos sociais esportivos: superando as imagens públicas idealizadas sobre estas ações.** *Anais... I Seminário Nacional Sociologia e Política UFPR,* 2009, p.1-17. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/site/evento/SociologiaPolitica/GTs->

ONLINE/GT9%20online/super-oferta-projetos-sociais-Luis-Thomassim.pdf. Acesso em: 2/2/2013.

ZALUAR, A. **Cidadãos não vão ao paraíso**. São Paulo: Editora Escuta, Campinas: Editora da UNICAMP, 1994, p.11-133 Disponível em: <http://www.ims.uerj.br/nupevi/cidadaos.pdf>.

ANEXO 1

Questionário Assistente Sociais

1. Há quanto tempo você atua aqui?
2. Quais são as suas atividades junto ao projeto? Qual sua carga horária de trabalho aqui?
3. O projeto só atende crianças e adolescentes carentes ou não?
4. Como é feita a divulgação do projeto para a população (meios e o público alvo)? E qual a procura da população pelo projeto?
5. Qual o número atual de alunos no projeto? Quantos em cada faixa etária (7-9, 10-12, 13-15, 16-19... tem faixa etária limite ou não)? E a proporção entre meninos e meninas?
6. A evasão é maior entre meninos e meninas? Por qual motivo, em sua opinião?
7. Quais recursos financeiros o projeto viabiliza aos alunos (vestimenta, calçados, passe escolar, bolsa de estudo, salário...)?
8. Quais os vínculos com os pais dos alunos? Tais pais participam do projeto de algum modo (reuniões periódicas, algumas decisões para as viagens?...). Estas informações (dos pais) são repassadas aos professores que ministram aulas no projeto?
9. Como se realiza o acompanhamento do desempenho escolar dos alunos? E como fica aquele aluno que não está tendo um bom desempenho escolar?
10. Quais as principais dificuldades enfrentadas no projeto, sob a sua perspectiva?
11. Quais as principais conquistas advindas do projeto relacionadas aos objetivos do mesmo e ao público que ele abrange?

12. Quais suas expectativas com relação ao projeto?

ANEXO 2

Questionário para os alunos

1. Quando (ano) entrou no projeto?
2. Porque quis entrar no projeto?
3. Porque continua no projeto?
4. O que mais gosta no projeto?
5. O que menos gosta no projeto?
6. Quais suas expectativas com relação ao projeto?

ANEXO 3

QUESTIONÁRIO PROFESSORES

1. Há quanto tempo você atua aqui?
2. Sua formação/graduação (ano, instituição) e experiência com o pólo aquático?
3. Quais são as suas atividades junto ao projeto? Qual sua carga horária de trabalho aqui?
4. Qual a estrutura/dinâmica da organização das aulas do projeto? (Quantas vezes por semana e quantas horas, separação por faixa etária, separação por gênero, objetivos de cada grupo, competições que participam...)?
5. Quais os objetivos e atividades para cada grupo/faixa etária? Como este planejamento é realizado?
6. Como se dá o processo de seleção dos alunos que permanecem no projeto e aqueles que saem? O que acontece com os que saem?
7. Como se dá o processo de seleção dos alunos para participar das competições? Quais são as competições mais regulares (acontecem todo ano) que vocês participam?
8. Há especificação de alguma regra de convivência que vocês estabelecem para serem seguidas no projeto?
9. Quais as principais dificuldades enfrentadas no projeto, sob a sua perspectiva?
10. Quais as principais conquistas advindas do projeto relacionadas aos objetivos do mesmo e ao público que ele abrange?
11. Quais suas expectativas com relação ao projeto?

APENDICE 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A pesquisa intitulada **EXPECTATIVAS DE PARTICIPANTES, PROFESSORES, ASSISTENTES SOCIAIS E CRIADOR DE UM PROJETO SOCIAL ESPORTIVO DE PÓLO AQUÁTICO** tem como objetivo identificar as expectativas dos alunos, professores, assistente social e criador de um projeto esportivo social que desenvolve o pólo aquático.

A contribuição da pesquisa para os envolvidos poderá ocorrer com os dados explicitados no relatório final do estudo que será entregue ao responsável pelo projeto. Tal mapeamento das expectativas entre os distintos participantes poderá sinalizar para a manutenção do modo como o projeto vem sendo realizado, ou apontar elementos importantes que, eventualmente, possam promover ajustes no referido projeto.

A pesquisa fará uso de entrevistas que serão respondidas pelo criador do projeto, pelas assistentes sociais e pelos professores. As crianças e adolescentes responderão a um questionário, e os dados só serão disponibilizados para a pesquisa após autorização dos pais/responsáveis por estes alunos. Todos os resultados obtidos serão utilizados para fins científicos e a identidade dos participantes mantidas em sigilo.

A pesquisa apresenta riscos mínimos aos participantes, tais riscos se relacionam com o eventual desconforto emocional sentido nas entrevistas e nas respostas ao questionário. Entretanto, os participantes terão assistência imediata dos responsáveis pela pesquisa, sem ônus de qualquer espécie.

Os participantes poderão isentar-se da pesquisa em qualquer momento que desejarem, podendo ainda, retornar em outra data, combinada com o responsável da pesquisa. Tais participantes também não terão qualquer despesa com a pesquisa em voga, bem como, a instituição promotora não se compromete a indenizá-los por danos imediatos e tardios decorrentes do estudo, salvo em casos de comprovadonexo causal.

Desse modo, tendo total conhecimento do exposto neste termo eu (nome completo) _____ portador do RG n.º _____ e CPF _____, me comprometo a participar, como voluntário, da referida investigação de autoria e execução de Angélica Regina Pereira, graduanda do curso de Licenciatura em Educação Física, sob orientação da Profa. Dra. Lílian Aparecida Ferreira, docente lotada no Departamento de Educação Física da UNESP/Bauru.

Concordo que os resultados obtidos da referida pesquisa sejam divulgados, uma vez que a identidade dos envolvidos será preservada. Os dados da investigação ficarão guardados em local seguro, como forma de garantir o que é afirmado no termo em questão.

Assinatura do/da participante

Bauru, ____ de _____ de 20__

Telefones para contato: _____

Informações da pesquisadora

Nome completo: Angélica Regina Pereira

E-mail: angelica_rp20@hotmail.com/Telefone: (14)99757-5117

Departamento de Educação Física da UNESP/Profa. Dra. Lílian Aparecida Ferreira

Tel: (14)3103-6082

APENDICE 2

A pesquisa intitulada **EXPECTATIVAS DE PARTICIPANTES, PROFESSORES, ASSISTENTES SOCIAIS E CRIADOR DE UM PROJETO SOCIAL ESPORTIVO DE PÓLO AQUÁTICO** tem como objetivo identificar as expectativas dos alunos, professores, assistente social e criador de um projeto esportivo social que desenvolve o pólo aquático.

A contribuição da pesquisa para os envolvidos poderá ocorrer com os dados explicitados no relatório final do estudo que será entregue ao responsável pelo projeto. Tal mapeamento das expectativas entre os distintos participantes poderá sinalizar para a manutenção do modo como o projeto vem sendo realizado, ou apontar elementos importantes que, eventualmente, possam promover ajustes no referido projeto.

A pesquisa fará uso de entrevistas que serão respondidas pelo criador do projeto, pelas assistentes sociais e pelos professores. As crianças e adolescentes responderão a um questionário, e os dados só serão disponibilizados para a pesquisa após autorização dos pais/responsáveis por estes alunos. Todos os resultados obtidos serão utilizados para fins científicos e a identidade dos participantes mantidas em sigilo.

A pesquisa apresenta riscos mínimos aos participantes, tais riscos se relacionam com o eventual desconforto emocional sentido nas entrevistas e nas respostas ao questionário. Entretanto, os participantes terão assistência imediata dos responsáveis pela pesquisa, sem ônus de qualquer espécie.

Os participantes poderão isentar-se da pesquisa em qualquer momento que desejarem, podendo ainda, retornar em outra data, combinada com o responsável da pesquisa. Tais participantes também não terão qualquer despesa com a pesquisa em voga, bem como, a instituição promotora não se compromete a indenizá-los por danos imediatos e tardios decorrentes do estudo, salvo em casos de comprovadonexo causal.

Desse modo, tendo total conhecimento do exposto neste termo eu (nome completo) _____ portador do RG n.º _____ e CPF _____, autorizo que meu (minha) filho (a) _____

-----, participe como voluntário (a), da referida investigação de autoria e execução de Angélica Regina Pereira, graduanda do curso de Licenciatura em Educação Física, sob orientação da Profa. Dra. Lílian Aparecida Ferreira, docente lotada no Departamento de Educação Física da UNESP/Bauru.

Concordo que os resultados obtidos da referida pesquisa sejam divulgados, uma vez que a identidade dos envolvidos será preservada. Os dados da investigação ficarão guardados em local seguro, como forma de garantir o que é afirmado no termo em questão.

Assinatura do pai/mãe ou responsável legal

Bauru, ____ de _____ de 20__

Telefones para contato: _____

Informações da pesquisadora

Nome completo: Angélica Regina Pereira

E-mail: angelica_rp20@hotmail.com/Telefone: (14)99757-5117

Departamento de Educação Física da UNESP/Profa. Dra. Lílian Aparecida Ferreira

Tel: (14)3103-6082

**EXEPECTATIVAS DE PARTICIPANTES, PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA
E ASSISTENTES SOCIAIS DE UM PROJETO SOCIAL ESPORTIVO
DE PÓLO AQUÁTICO**

Monografia apresentada ao curso de Educação Física da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, como requisito para obtenção de grau em Licenciatura em Educação Física.



Profª Drª LÍlian Aparecida Ferreira (Orientadora)
Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”
Departamento de Educação Física



Graduanda: Angélica Regina Pereira
Aluna da graduação em Educação Física
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”